



Já ouviu falar em colorismo?

Acompanhando ou não, não podemos negar que o Big Brother Brasil é um dos assuntos do momento. E quando falamos do debate pelo fim do racismo, o programa tem até impulsionado essas conversas na sociedade. Hoje, vamos falar de um tema que surgiu ali: o **colorismo**.

Colorismo é um termo usado para diferenciar as várias tonalidades da pele negra, do tom mais claro ao tom mais escuro, criando uma hierarquia baseada na cor. E a crítica é que ele muitas vezes é usado para separar as pessoas de acordo com o seu tom de pele, causando ainda mais preconceitos. No caso do BBB, o tema foi levantado quando alguns participantes duvidaram da afirmação de negritude de outro, mesmo com ele se reconhecendo como negro.

Qual o problema?

Existem dois principais vieses negativos do colorismo: quando um negro de pele retinta, mais escura, é discriminado por ser escuro demais ou quando um negro de pele clara é considerado “menos negro”, sofrendo um processo de perda de identidade, como aconteceu no BBB.

Em ambos os casos, o que ocorre é uma segregação, que diferencia as pessoas e causa sofrimento: exatamente o que o racismo provoca.

Além disso, questionar a negritude de alguém que se entende como negro é tirar dessa pessoa a sua identidade e deixá-la sem nada, sem cultura, sem história e pertencendo a grupo nenhum.

Escala de negritude

Em um país racista como o Brasil – mesmo com 56% da população se identificando como negra ou parda – ser negro de pele clara não isenta ninguém de sofrer preconceito. Mas não dá pra negar que a cor da pele interfere nas oportunidades que a pessoa pode ter, e esse é o principal argumento de quem usa do colorismo para discriminar.

“Ser negro de pele clara não é ser menos negro, ou experienciar um racismo ‘light’, mas sim reconhecer que a pigmentação rende experiências com racismo distintas das experiências de negros de pele escura. O racismo é elemento estrutural que atravessa todos os negros sem exceção, e ele incide de maneira distinta dependendo do seu gênero, idade, classe social, território e tom de pele.” Trecho do texto de Juliana Gonçalves, ativista dos direitos humanos com foco em raça e gênero, no blog “*Nós mulheres da periferia*”

Classificar as pessoas por conta da cor da sua pele é exatamente o que devemos combater com uma postura antirracista. Praticar o antirracismo no dia a dia é se manter atento aos discursos da sociedade, mas também aos nossos próprios discursos já que somos todos indivíduos dentro de um sistema em que o racismo é estrutural e influencia no nosso ponto de vista.

O que vimos no BBB é um exemplo do que acontece na vida real. Mas, mesmo que lá o colorismo tenha sido praticado por pessoas também negras, precisamos ter cuidado em analisar essa situação toda para não criar vilões e para não restringir o colorismo a uma prática que só acontece entre os negros. Isso porque até mesmo pessoas negras crescem e formam as suas personalidades dentro do racismo estrutural e o fato de nascer negro não garante por si só uma consciência antirracista: a compreensão do racismo surge por meio de muita conversa e estudo. Debater o tema desde a infância, por exemplo – inclusive com crianças brancas –, é uma forma bastante eficaz de colaborar com o fim desse preconceito no futuro.

Pra saber mais...

O termo colorismo foi mencionado pela primeira vez no livro “A Cor Púrpura”, da escritora norte-americana Alice Walker, publicado originalmente em 1982.

Pra continuar aprendendo...

Livro “O olho mais azul”

O livro, de 1970, foi escrito por Toni Morrison, primeira e única escritora negra a ganhar o Nobel de Literatura. O livro conta a história de uma menina negra retinta que sonha em acordar um dia com os olhos azuis para ver se toda a opressão que ela sofre por conta da sua cor diminui.